



RESENHA

**AVALIAÇÃO DE LINGUAGEM:
UMA VISÃO PANORÂMICA**

*Lúcia Arantes**

Avaliando a linguagem na ausência da oralidade

Simone Rocha Vasconcellos Hage

Ed. Universidade do Sagrado Coração, Bauru, 2001

O livro *Avaliando a linguagem na ausência de oralidade* é o resultado da dissertação de mestrado da autora, publicada em 1997 nos *Cadernos de divulgação cultural* (n. 61) da Edusc. Nele, Hage apresenta os mais conhecidos instrumentais utilizados para avaliar a linguagem e oferece uma possibilidade alternativa de avaliação baseada na Pragmática Lingüística.

* Doutora em Lingüística – PUC-SP.

No Capítulo 1, a autora traça um perfil cuidadoso dos testes utilizados com maior frequência no cenário brasileiro, subdividindo-os em três temas: “Testes formais com foco de análise sobre a emissão e compreensão das estruturas lingüísticas”, “Avaliação das condutas simbólicas” e as “Triagens para avaliação do desenvolvimento da linguagem em crianças com menos de três anos”. Além da apresentação do material, discute os principais limites deste tipo de procedimento para a realização de uma avaliação de linguagem, especialmente no caso de crianças “com limitação ou ausência de estruturas lingüísticas”.

Como o foco de atenção é a avaliação de crianças com limitações na oralidade, há, segundo a autora, a necessidade de aproximação aos estudos de aquisição de linguagem que abordam o período que antecede o aparecimento das estruturas lingüísticas. Assim, no capítulo 2, ela apresenta os mais representativos estudos sobre a comunicação dita pré-verbal e, também, os desdobramentos de tais estudos para o campo dos distúrbios da linguagem. Embora Hage não faça uma análise crítica de tais trabalhos, ela oferece um panorama correto da área.

Há, ainda, no Capítulo 2, a apresentação da proposta interacionista, em que Hage destaca a vertente desenvolvida pela professora Dra. Cláudia Lemos. Este, do meu ponto de vista, é o ponto mais problemático do trabalho. Embora não haja incorreções em sua exposição no que se refere ao primeiro tempo da teoria, é preciso lembrar que tal proposta passou por modificações profundas na década de noventa e aquilo que se encontra no trabalho de Hage de modo algum representa a reflexão atual de De Lemos e dos pesquisadores filiados a sua proposta, não só no que diz respeito ao campo da aquisição, mas, especialmente, no que tange ao campo das patologias de linguagem.

Finalmente, no Capítulo 3, a autora passa ao terreno das proposições. Hage fala da necessidade de um cuidadoso trânsito entre teoria e prática, insistindo na necessidade de uma teoria de linguagem para encaminhar uma reflexão sobre a avaliação na clínica fonoaudiológica que não recubra a especificidade desta clínica. Norteadas por uma proposta interacionista de linguagem, propõe, inicialmente, uma técnica de entrevista não-diretiva que possibilite ao clínico obter informações sobre a atividade comunicativa da criança.

Na avaliação da criança, a autora considera necessário privilegiar o que ela denomina “avaliação observacional”, para que se estabeleça “condições seme-

lhantes às condições naturais de comunicação”, com vistas a analisar a atividade comunicativa da criança. Na análise proposta por Hage, deve-se considerar fundamentalmente: o meio de comunicação utilizado, a existência ou não de intencionalidade no comportamento comunicativo da criança e qual a função de tais comportamentos.

De acordo com Hage, a vantagem desse procedimento é a possibilidade de avaliar crianças independentemente de sua produção lingüística. Ela sublinha também que, de acordo com autores discutidos em seu trabalho, a avaliação de comportamentos comunicativos pode possibilitar o diagnóstico precoce de possíveis distúrbios da linguagem, já que há diferenças significativas entre o perfil comunicativo de crianças normais e de crianças com patologia.

É certo que, nos dias de hoje, a proposta de Simone Hage não traz exatamente uma novidade em termos de avaliação de linguagem. Há muito tempo o uso de provas e testes tem estado na mira dos pesquisadores do campo. O mesmo pode-se dizer da discussão acerca do modo de relação da Fonoaudiologia com outros campos do conhecimento. Entretanto, seu mestrado, hoje transformado em livro, é de 1994 e, nesse período, muita coisa se modificou em nossa área. Isso não faz com que este trabalho perca o mérito de retratar um período importante da Fonoaudiologia no Brasil. O panorama por ela traçado mostra o movimento de um campo em busca de identidade. Vale a pena conferir.